

*La Paz existe?* de Osman Lins e Julieta de Godoy Ladeira, como o título sugere, é uma narrativa de viagens. Especificamente de uma viagem ao Peru — Lima, Cuzco, Machu-Picchu — que terminaria na Colômbia, La Paz, se a precariedade da infra-estrutura turística peruana não tivesse como lema, segundo o Autor, «Viajar é não ver». A excursão contraria o programa traçado pelos dois por uma série de incidentes, ligados a essa precariedade, levando-os (e a nós, seus leitores) a indagações e considerações sobre o continente latino-americano, «a escuridão da América», nas palavras de Osman Lins.

Trata-se de um livro muito interessante sobre a América-Latina, justamente porque nos oferece uma abordagem de aproximação entre os povos dos países limítrofes do nosso, onde os autores comentam sobre a problemática do continente sul-americano em suas diversas manifestações.

O interesse da narrativa prende-se à sua execução formal e ao apelo social das observações que faz acerca do subdesenvolvimento crônico e espoliação que vitimam a terra sul americana. O trajeto da cansativa viagem presta-se como ponto de apoio a um caminho que nos conduz ao submundo americano. Índios e pobres peruanos contrastam e assemelham-se aos nossos bóias-frias, trombadinhas, menores abandonados, lavradores nordestinos, às vítimas, enfim, do «mesmo chão flagelado da América Latina».

O sentimento de frustração e angústia diante da realidade vista e vivida pelos dois viajantes alia-se ao de fraternidade para com essa gente, sua vida, «nossos irmãos de miséria». O duplo relato da mesma realidade concretiza-se na voz dos dois narradores, diferenciados até pela indicação gráfica: os caracteres redondos correspondem à narrativa de Osman Lins, ligada às partes em que o casal estava junto; em itálico acha-se o que sucedia com Julieta nos intervalos em que precisavam se separar.

*La Paz existe?* constrói-se mais como uma estória de aventuras, uma novela de ação do que como documento informativo de viagem. O seu valor de depoimento sincero e cheio de ternura é, entretanto, inegável nas descrições de paisagens e do povo visitado, em seu desamparo e pobreza. Somos conduzidos a uma vereda simbólica: a luta do povo oprimido da América Latina contra os obstáculos adversos e à primeira vista insuperáveis para atender a um desejo de alcançar a civilização e a paz. Neste sentido, o livro veicula também um questionamento mais amplo, que se faz claro nas últimas palavras do comentário sobre o fim da viagem.

Eu pensei ainda que afinal havíamos chegado, que estávamos na cidade, uma cidade para nós desconhecida, cujo nome expressava o que o homem sempre busca e nunca, nunca chega a conquistar: La Paz.

Dentro da obra criada por Osman Lins, *La Paz existe* vincula-se a uma progressiva experimentação literária proposta pelo Autor e participa da problematização do foco narrativo, que é uma de suas constantes preocupações. Podemos acompanhar o processo desde *Avalovara* (1973), construído sob um ponto de vista que se move descentrado, não se fixando nunca em determinado lugar ou indivíduo, tempo ou espaço. Em *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976), o âmbito do foco narrativo amplia-se mais, através de vários planos perceptíveis: o do romance analisado, o do narrador que analisa a obra, o do autor que a criou e o das personagens do romance em quem o narrador também se transforma.

Seguindo a mesma linha de experimentação, este livro aparece como complementação de outro plano narrativo, desencadeado por *Missa do galo, variações sobre o mesmo tema* (1977), onde o Autor escreveu e induziu cinco outros artistas a escreverem, cada um à sua maneira, novas versões do célebre conto de Machado de Assis. É uma antologia lançada após sua morte: *Lições de casa (exercícios de imaginação)*, onde também dez autores, a convite de Osman Lins, narram histórias a partir de quadros coloridos, aqueles mesmos que eram colocados em cavaletes nas salas de aula para que as crianças escrevessem sobre o que viam.

Compartilhar a autoria de um livro de viagens coloca-se, portanto, como mais uma experiência narrativa deste autor, um dos mais inquietos e preocupados com problemas ficcionais e de seu tempo em nossa literatura. Visitar o povo vizinho e irmanar-se à sua luta é, mais uma vez, a demonstração dessa inquietude.

MARIA DO CARMO LANNA FIGUEIREDO